



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MOVIMENTO DE OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS PÚBLICAS E AS FORMAS DE
REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: PERCEPÇÃO E NOÇÃO DE LIDERANÇA EM
CONSTRUÇÃO E DISPUTA

Ricardo Gonçalves Severo

rg.severo@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande

Brasil

Sérgio Botton Barcellos

sergiobbaecellos@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande

Brasil

Mário Augusto Correia San Segundo

mario.segundo@viamao.ifrs.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Movimento de ocupações das escolas públicas e as formas de representação política: percepção e noção de liderança em construção e disputa

O artigo tem como questão central analisar a percepção do papel das lideranças e representação por parte dos estudantes secundaristas que realizaram ocupações nas escolas estaduais durante o ano de 2016 no Rio Grande do Sul/Brasil. Essa análise terá o aporte teórico de Bourdieu (2004) sobre capital político, Michells (1982) sobre liderança, Matonti e Poupeau (2006) sobre capital militante e McAdam, Tarrow e Tilly (2001) sobre ciclos de confronto. A pesquisa qualitativa foi realizada em 2016 em duas cidades (Pelotas e Rio Grande) e posterior entrevista com informante de ocupação em escola na cidade de Porto Alegre no ano de 2017. Como procedimentos de pesquisa foram realizados dez grupos de discussão e aplicação de questionário semiestruturado a sessenta e cinco estudantes com idades entre doze e dezenove anos e uma entrevista semiestruturada com informante de ocupação em Porto Alegre. Percebeu-se duas visões centrais sobre liderança, sendo a primeira do grupo dos que não reconhecem a existência de liderança e tem uma visão considerada negativa sobre esta categoria, relacionando-a ao formalismo, autoritarismo e ausência ou distância, apontando como modelo ideal formas horizontais de organização. O segundo grupo identifica lideranças e compreendem-nas como aqueles que realizavam maior parte das tarefas e que estão mais imersos no cotidiano das ocupações. O que é comum entre os grupos é que é considerada legítima a participação em termos de intensidade e envolvimento com a pauta, rejeitando quaisquer formas de representação que não sejam consideradas como pertencentes ao grupo de ocupantes.

Palavras-chave: juventude, ocupação, movimento social.

ABSTRACT

Occupation Movement in public school and forms of political representation: perception and notion of leadership in construction and dispute

The article has as central question to analyze the perception of the role of the leaderships and representation by the high school students who carried out occupations in the state schools during the year of 2016 in Rio Grande do Sul / Brazil. This analysis will have the theoretical contribution of Bourdieu (2004) on political capital, Michells (1982) on leadership, Matonti and Poupeau (2006) on militant capital and Tilly (2001) on confrontation cycles. Qualitative research was carried out in 2016 in two cities (Pelotas and Rio Grande) and a subsequent interview with an occupant informant at a school in the city of Porto Alegre in 2017. Ten research groups were used as discussion procedures and semi-structured questionnaire to sixty-five students between the ages of twelve and nineteen and a semi-structured interview with occupational informant in Porto Alegre. It was perceived two central visions about leadership, being the first of the group of those who do not recognize the existence of leadership and has a view considered negative about this category,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

relating it to formalism, authoritarianism and absence or distance, pointing to horizontal models as ideal model Of organization. The second group identifies leaderships and understands them as those who perform most of the tasks and who are more immersed in the daily life of the occupations. What is common among the groups is that participation in terms of intensity and involvement with the agenda is considered legitimate, rejecting any forms of representation that are not considered to belong to the occupant group.

Keywords: youth, occupation, social movement.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

No Brasil a partir de 2015, iniciando no estado de São Paulo, surge um novo ciclo de conflitos com protagonismo de jovens, que passam a realizar ocupações nas escolas públicas como forma de confronto contra o governo estadual que propunha medidas de cortes orçamentários, incluindo o fechamento de diversas escolas. Esta estratégia de mobilização passa a ser utilizada em outros estados do país no ano de 2016, em especial no Rio Grande do Sul e no Paraná, com pautas locais, mas também contrárias a medidas de características neoliberal como as adotadas em São Paulo e a Reforma do Ensino Médio do governo federal de Michel Temer, imposta por medida provisória.

Sob essa perspectiva, este trabalho tem como questão central de pesquisa estudar qual a percepção do papel das lideranças e representação por parte dos estudantes secundaristas? O objetivo geral é problematizar como os estudantes secundaristas percebiam e qual a importância que essas categorias tiveram na construção das ocupações nas escolas públicas do RS em uma dimensão organizativa e política.

Essa análise terá o aporte teórico de Bourdieu (2004) sobre capital político, Michells (1982) sobre liderança, Matonti e Poupeau (2006) sobre capital militante e McAdam, Tarrow e Tilly (2001) sobre ciclos de confronto.

A pesquisa qualitativa foi realizada em 2016 em duas cidades (Pelotas e Rio Grande) do estado do Rio Grande do Sul e posterior entrevista com informante de ocupação em escola na cidade de Porto Alegre no ano de 2017. Como procedimentos de pesquisa foram realizados dez grupos de discussão e aplicação de questionário semiestruturado a sessenta e cinco estudantes com idades entre doze e dezenove anos e uma entrevista semiestruturada com informante de ocupação em Porto Alegre. Das dez escolas pesquisadas e sessenta e cinco estudantes questionados, treze não opinaram, sendo dez respondentes da Escola M, em que foi declarado haver um comitê de ocupação para decidir sobre o que fariam. Oito estudantes responderam que todos eram lideranças e dezoito responderam não existir lideranças. Deste grupo há a ênfase do papel da horizontalidade. O grupo que reconhece a existência de liderança constitui vinte e seis respondentes, sendo que nas escolas L,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

M e S¹ constitui a totalidade dos respondentes, excetuando aqueles que são indicados como cumprindo tal papel pelos demais.

Diante disso, quando questionados sobre a existência de liderança na ocupação, em uma aproximação inicial, pode-se constatar que haviam grupos que não reconhecem a existência de liderança e tem uma visão considerada negativa sobre esta categoria, relacionando-a ao formalismo, autoritarismo e ausência ou distância, apontando como modelo ideal formas horizontais de organização. Por outro lado, há aqueles que identificavam liderança e compreendiam-nas como aqueles que realizavam maior parte das tarefas e estavam mais imersos no cotidiano das ocupações. Observamos que entre esses dois grupos de estudantes houve uma negociação continuada sobre a participação ou não de jovens engajados em organizações partidárias de esquerda, ora excluindo-os, ora aceitando-os. E esse aspecto é que nos interessa, em especial, para esse estudo.

II. As diferentes percepções teóricas sobre a noção de liderança

O conceito de liderança pode estar bastante vinculado a uma forma relacional, como afirma Outhwite et al., a “[...]qualidade que permite a uma pessoa comandar outras. Isso implica que a liderança é, acima de tudo, uma relação mútua entre líder e liderado, indivíduo e grupo.[...] Por fim, liderança é evidentemente uma relação baseada em aquiescência, não em coerção[...].” (1996, p. 426).

A partir de tal definição, identificaremos o que os grupos de referência compreendem ser liderança e com base nos relatos, a razão da aceitação e rejeição da existência desta categoria com base, especialmente, no reconhecimento do mandato em razão da participação na ocupação.

Uma abordagem possível é a compreensão que é inerente às organizações o surgimento de lideranças, as quais constituem-se com o passar do tempo em oligarquia e substituem a vontade dos representados pela sua (Michels, 1982). É necessário, portanto, a adoção do modelo de representação da vontade para esta abordagem, assim como a constituição do modelo organizacional, que gera tal oligarquia em razão do tempo e do aumento de seus representados. De

1. Não identificamos os entrevistados e as escolas por tratarem-se, na maioria dos casos, de menores de idade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

qualquer modo, tal interpretação sugere que o surgimento das lideranças é imanente à constituição de organização e das dinâmicas políticas nas quais se envolve.

Entretanto, Bourdieu (2004) desenvolve este entendimento através da análise do monopólio de *capital político* por parte de um grupo dentro das organizações, os quais são oriundos pela disponibilidade seja de tempo ou dinheiro, ou ambos, para que possam tornar-se conhecedores e aplicadores de maneiras específicas de agir, falar, ter acesso a recursos entre outros elementos que constituem o campo político e que assim acabam por restringir o acesso ao público em geral da possibilidade de se tornar agentes políticos.

Além de tempo e dinheiro, e especialmente na militância em movimentos sociais, a principal forma de tornar-se portador de capital político se dá pela aquisição de capital militante, o qual é:

[...]incorporado sob a forma de técnicas, de disposições a agir, intervir, ou simplesmente obedecer, ele abrange um conjunto de saberes e de *savoir-faire* mobilizáveis no momento das ações coletivas, das lutas inter ou intra-partidárias, mas também exportáveis, passíveis de conversão para outros universos, e, assim, suscetíveis de facilitar certas reconversões (Matonti e Poupeau, 2006, p.130).

De Michels e Bourdieu é possível discutir que a possibilidade de liderar ocorre a partir do monopólio de determinados conhecimentos necessários à prática política e tendencialmente determina o que deve ser feito com base na presunção de legitimidade destes capitais. Da definição de Matonti e Poupeau a posse do capital militante pode vir a se tornar capital político pelo reconhecimento dos demais da capacidade de operar estes recursos.

Definido o que é ou pode ser a liderança, buscamos compreender além do papel, a construção de uma divisão que surgiu nas ocupações, em que para uma parte havia o reconhecimento da existência de lideranças e em outras havia a negação de sua existência. Para tanto, buscamos nos processos de socialização política pretéritas e presentes quais variáveis são significativas para que ocorra a diferenciação entre *líderes* e *liderados*.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tomamos a socialização política como **experiência**, ressalva necessária pois é comum, como observou Castro (2009), por essa noção ser tratada como mera **transmissão**, considerando como *tábula rasa* os jovens no caminho de saberes requeridos à sociedade.

A socialização não é nem só nem essencialmente transmissão de valores, normas e regras, mas sim ‘desenvolvimento de determinada **representação do mundo**’, e principalmente de ‘mundos especializados’, nesse caso o mundo político. Essa representação não é imposta já pronta pela família de origem ou pela escola, mas cada indivíduo ‘a compõe lentamente para si, emprestando das diversas representações existentes certas imagens que ele reinterpreta, constituindo um todo original e novo’ (Dubar, 2005, p.23. grifos nossos).

Buscamos nas experiências de socialização quais elementos são pertinentes à formação ou no interesse na participação política, considerando tanto a “influências presentes ou passadas dos múltiplos agentes de socialização e que geram uma identidade pelo sentimento de pertencimento a um grupo de referência (Dubar, 2005, p. 23-24).

Tal identidade social se constitui no cruzamento das experiências imediatas e, conseqüentemente, com as interações que isso abarca, no cenário político em que busca o atendimento das demandas, o que será possível somente através da percepção de quem é o antagonista. Assim, com base em Tilly (1978) o movimento social se constitui de fato quando se configura uma interação entre aqueles que não tem o poder (neste caso os estudantes) contra aqueles que tem o poder (Estado). Nesse processo se consolidam as formas de atuação para atingir os objetivos. Tendo como foco as experiências, é preciso identificar quais são os principais agentes de socialização política dos(as) jovens nas escolas ocupadas.

Consideramos o papel do que compreende-se como os principais agentes de socialização política, a saber: a família, a escola, os pares e a mídia (Owen, 2008, p.15). Seidl em pesquisa sobre engajamento compreende essa discussão da mesma forma: “Entre as principais indicações, observa-se que do itinerário individual até o engajamento associativo dá-se a conjugação de elementos de



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

socialização familiar e escolar na formação dos anos de juventude que combinam fatores ideológicos e uma propensão ao ativismo[...]”(2009, p. 23).

Análise similar encontramos em Fuks: “[...]o que, invariavelmente, encontramos é a apresentação de evidências de que as estruturas, fenômenos e processos associados aos ambiente familiar e escolar têm consequências substantivas no comportamento político do jovem e, futuramente, do adulto”. (2011, p. 148).

Prewitt vê na superexposição à política (ou ao debate político) no ambiente familiar uma hipótese para a formação de lideranças:

Se um traço particular não influencia tendências auto-seletivas entre os políticos, possivelmente um determinado padrão de experiências sociais é resultado de experiências de socialização política, em um pequeno segmento da população que está "superexposto" aos assuntos públicos; Este grupo de pessoas é exposto mais freqüentemente e intimamente à política do que o membro médio da sociedade. Uma hipótese sustentável é que esse grupo contribui fortemente para a classe que lidera. O que o político compartilha com seus colegas é uma familiaridade com a política que o atinge de volta em sua idade avançada, adolescência, ou, em muitos casos, na sua infância (Prewitt, 1965, p. 105, tradução dos autores).

Compreendemos ser fundamental tratar a socialização como não restrita ao contexto de agentes diretos de socialização, ou seja, a família e a escola, mas também o contexto social mais amplo, considerando, necessariamente a conjuntura política em que se desenvolve tal socialização (Percheron e Dupoirier, 1975, p. 871-872; Baquero, Baquero e Morais, 2016, p.994).

No que diz respeito à socialização política no âmbito familiar, um dos indícios mais significativos em nossa pesquisa é o baixo índice de familiares que tem alguma forma de envolvimento com o ativismo. Não há relação mecânica entre engajamento com base no histórico familiar. No entanto, percebemos que aqueles jovens que tem experiências pretéritas de familiares com alguma forma de participação política tem maior “naturalidade” com o processo político em razão da vivência com um *habitus* militante. A familiaridade com o tema político não leva



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tendencialmente ao engajamento, requerendo considerar variáveis que constituem a identidade social, e chamamos a atenção para a inter-relação de elementos conjunturais e cotidianos em meio a vida desses estudantes.

A socialização política [...] diz respeito especificamente à transmissão e à aquisição de valores, condutas, percepções e preferências sobre a política. Sendo assim, podemos afirmar que todo indivíduo é socializado politicamente, embora as características e efeitos desse processo possam variar enormemente: em um plano micro, segundo a origem social, a trajetória familiar, nível de instrução, ocupação ou profissão dos indivíduos; e em um plano macro, em função de determinadas conjunturas econômicas, sociais e políticas [...] (Tomizaki, Carvalho-Silva e Silva, 2016, p. 938).

O contexto político, considerando os exemplos de outras escolas que realizaram ocupações no Chile e em São Paulo, são situações declaradas pelos (as) entrevistados (as), atualizam a percepção de possibilidades abertas a estes jovens e que tem em seus pares e no contexto escolar a conexão necessária para reivindicarem a identidade política necessária ao ativismo. Mais especialmente, na escola como principal *locus* de socialização política, pois possibilita a construção de que as experiências de cada jovem constituem um elemento de referência comum: “[...] o que permite com frequência o êxito das mobilizações coletivas e sua inscrição na duração é precisamente a existência de experiências sociais compartilhadas por grupos de indivíduos com propriedades análogas, senão similares”. (Sawicki e Siméant, 2011, p. 217).

Sobre variáveis que podem atrair ao engajamento, assim, tais experiências formam laços sociais com sujeitos em situação comum e assim constituem uma identidade social mobilizadora:

Nos espaços militantes mais fluidos [com menor presença de organização formal][...] o recrutamento terá mais chances de ocorrer por capilaridade e afinidade do *habitus*- correndo precisamente o risco de desencorajar potenciais candidatos ao engajamento se estes não



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

correspondem ao perfil social (idade, diplomas...) da organização. (Sawicki e Simeánt, 2011, p. 235).

Considerando o papel das variáveis família, escola e contexto sociopolítico para a formação de um *ethos* ativista, percebemos no processo de ocupação da escola como elemento importante para a possível formação tanto deste *ethos* quanto para a definição e surgimento de lideranças, seja pela socialização pretérita quanto pela experiência na ocupação. Ainda, sobre esse aspecto levamos em consideração que a forma ocupação diferencia-se significativamente de outras manifestações por constituir-se como espaço continuado de manifestação em que são geradas formas de interação social mais intensas entre seus participantes por maior período de tempo, constituindo o que Palacios-Valadares denomina como “comunidade de movimento” (2016, p. 152).

A forma da manifestação ocupação em razão de sua própria execução gerar um forte sentimento comunal entre seus produtores, conta com três características marcantes: formação de redes pelo convívio prolongado; consolidação de estruturas com normas próprias baseadas em estratégias definidas pelo grupo para enfrentar situações diversas e finalmente a percepção de que seus realizadores tem agência; pelo menos no que diz respeito ao espaço da ocupação, em razão da capacidade de determinar as formas de atuação (Palacios-Valladares, 2016, p.153).

Tais estruturas, mesmo com as possibilidades descritas pela autora, enfrentam tensões tanto com o “mundo exterior” ou do convívio entre os seus realizadores, não sendo incomum o isolamento do grupo, rejeitando novos integrantes ou a troca com pessoas “de fora”, assim como a consolidação de um “domínio por parte daqueles que tem mais recursos ou comprometimento, mesmo mantendo o desejo de horizontalidade como pressuposto em muitos casos (Palacios-Valladares, 2016 p. 153-157).

Assim, considerando o comprometimento pode surgir do envolvimento com o grupo e, portanto, se configura como algo “natural” em razão desta convivência, quando surgem na forma de uma “aposta”, não se dão de acordo com um modelo de racionalidade exterior e único, mas de acordo com os valores do grupo de referência, consolidados *no* processo de ocupação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Engajamento vertical ou horizontal e presença como hipótese para compreensão da existência de liderança

Percebemos nos relatos dos grupos que uma das motivações iniciais para a realização das ocupações foi a solidariedade com os professores, com salário sem reajustes e parcelado desde o início de 2015. Somado a isto, a insuficiência de recursos nas escolas para alimentação, manutenção do espaço físico e outras pautas que surgiram após o início do debate entre os(as) jovens e, posteriormente, no contato entre as diversas escolas, fez surgir a construção do ciclo de confrontos em razão da percepção de que estavam construindo uma pauta comum.

O processo de debate para construção das ocupações se deu nas escolas, via de regra, em organização por assembleias, convocadas inicialmente por um grupo mais restrito de estudantes que previamente já discutiam as carências estruturais acima mencionadas. A partir daí questionamos: *Há alguma característica comum entre os (as) jovens indicados(as) como lideranças?*

Ao longo do processo de pesquisa no cruzamento de variáveis que poderiam indicar a compreensão de liderança, há uma forte correlação nas escolas pesquisadas com a participação em outras organizações, seja grêmio estudantil, coletivos ou atividades com os demais ocupantes, sendo portanto relevante a **densidade** das relações sociais. Não trata-se tal densidade para a totalidade dos respondentes, necessariamente, um ativismo prévio, mas o ingresso em outros espaços de socialização política e que são frequentados também pelas pessoas indicadas como lideranças *no* processo de ocupação.

Um dos questionamentos foi sobre o envolvimento dos familiares em política, seja partidária, sindical ou outra. Esta variável aparece como uma das razões da constituição de um *habitus* militante e serviu para esta pesquisa tanto para verificação da incidência de casos como para análise da hipótese de que são estes (as) jovens, em razão de um eventual capital militante advindo da socialização primária, que ocupariam o papel de liderança.

Dos 65 respondentes, apenas nove declararam que algum familiar era envolvido com política. Os tipos de participação descritos foram o ativismo virtual, movimento negro, feminismo, sindical, partidário e participação de irmão na ocupação. Destes, seis já participaram previamente à



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ocupação de alguma forma de manifestação política, sendo citadas participação de plenária do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), protestos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e Kizomba, militância na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e manifestações com professores vinculados ao CEPERS-Sindicato. Destes respondentes, especificamente em relação à variável liderança, dois disseram que todos são líderes e sete declararam haver (em) liderança(s) na ocupação. Apenas dois se autodeclararam enquanto lideranças.

Dadas as características do universo de pesquisa, centrada em uma saturação de recorte qualitativo, não é possível afirmar que o envolvimento dos familiares com política, determina ou leva os (as) jovens a se engajar também em atividades políticas. No entanto, mesmo levando em conta ser uma amostra não estatística, entre os(as) jovens que os familiares não participavam de política (54 respondentes), oito disseram que tiveram alguma forma de participação em atos ou manifestações previamente à ocupação, ao passo que entre os que tem familiares que participaram ou participam de alguma forma de política (nove respondentes), seis disseram que previamente se envolveram ou participaram de protestos. Assim, tem-se respectivamente 15% com histórico de envolvimento cujos pais não tem envolvimento com ativismo e 66% com histórico prévio de engajamento cujos familiares tem envolvimento com ativismo político. Nesta pesquisa a escolaridade destes familiares não é significativa para determinar tal envolvimento, apresentando desde fundamental incompleto a superior completo.

Como afirmado anteriormente, a existência prévia na família de sujeitos envolvidos com política torna “natural” a sua prática posterior, não levando, necessariamente, ao seu exercício. Percebemos isto ao ler o relato de uma jovem que realizou a ocupação em Porto Alegre:

Informante: ...por que todo mundo que tava lá dentro, depois quando a gente foi conhecendo os pais a gente percebeu que todo mundo que tava lá dentro não tava lá dentro porque já tinha uma construção política entendeu? Talvez não tenha sido despertado, talvez foi despertado dentro da ocupação, mas já tinha uma mínima base assim política através dos pais.

Entrevistador: Tu tinha essa base dos teus pais?



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Informante: Sim.

Entrevistador: Teus pais faziam o quê?

Meus pais e minha família inteira. É porque assim, a minha família é muito envolvida com política. Muito. Então eu cresci nesse meio assim. Minha mãe é pedagoga, meu pai é consultor em dependência química. [...] E os meus tios são muito envolvidos com política. Muito, muito, muito, muito. Eu cresci indo em bandeiraço do PT. Então a gente sempre teve essa base política muito forte dentro da minha casa assim. Muito. E daí quando meus pais me colocaram dentro dessa escola foi fomentado mais ainda, porque essa escola tem, ela tinha um cunho muito político assim. Muito mesmo assim, de professores que se colocavam, falavam sabe? Colocavam presente na sala de aula, que davam versões diferentes que a gente não conhecia e que fomentavam o debate dentro da sala de aula. Então essa formação veio desde sei lá... (Informante, 2017).

Assim, consideramos esse fator como pertinente, mas não central, pois esteve presente mas não se demonstrou como regra em todas as situações observadas. O exercício de uma liderança reconhecida entre os (as) estudantes que participaram da pesquisa não requer um capital militante adquirido no âmbito familiar. Nas entrevistas aparecem apontados pelos demais, mais quando estes percebem uma “*entrega*” à ocupação, no sentido de envolver-se na organização, tarefas e nível de comprometimento e presença cotidiana. Abaixo transcrevem-se três respostas da escola G em que os(as) entrevistados(as) foram unânimes na identificação de liderança: “*Sim, houve liderança de duas pessoas por terem um conhecimento maior do que os demais.*” “*Sim o [fulano] e eu, porque eram os mais engajados e quem passavam mais tempo lá dentro.*” “[...]os que tinham mais experiência em movimentos e protestos .”

Um dos estudantes indicados pelos demais como liderança no questionário compreende-se enquanto referência e apresenta tal papel com base em sua militância, como segue: “*Sim. Acredito que fui um bom militante na ocupação .*”

Já nos casos de negação da existência de lideranças, que apresentam-se nos respondentes *não há liderança e todos são líderes*, a principal justificativa é de um comprometimento



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

generalizado, além da compreensão de que o processo organizativo e decisório é realizado de maneira coletiva, na busca de agregar o conjunto no processo decisório, conforme relato:

A gente fez duas assembleias com os estudantes. Convocamos eles falando que a gente faria uma assembleia e que a pauta seria ocupação. E chegando lá os estudantes foram e tal e teve um baita de um debate, não sei o que, e a gente apresentou aquilo que as nossas pautas e como que a gente via toda aquela situação. Só que sempre a gente colocou que aquilo não era um movimento só do grêmio estudantil, porque o grêmio estudantil tomou a iniciativa mas quando o grêmio estudantil tomou a iniciativa outros estudantes se juntaram àquilo. A gente sempre quis deixar claro que aquele movimento não era um movimento do grêmio estudantil, mas sim de vários estudantes porque não tinha só o grêmio estudantil lá dentro (Informante, 2017).

Há portanto uma divisão sobre esta percepção com base no nível de engajamento do grupo: quando se percebe nível de engajamento diferenciado há tendência de identificação de lideranças e, por outro lado, a visão de comprometimento e participação homogênea tende a rejeitar a noção de liderança, vista de modo geral em especial como *representação*, desde que seja oriunda da participação na ocupação e deliberada coletivamente, como expresso em grupo de discussão:

A única coisa que deu bronca foi pelas lideranças, porque todo mundo queria chegar ali na frente e falar, mas tinha pessoa que não sabia nem o que tava fazendo aqui e queria falar lá, aí a gente que organiza, só duas pessoas ir falar lá, teve muita coisa que as pessoas chegavam ali na frente e não sabia o que falar, falava qualquer coisa (Grupo de discussão na Escola A, 2016).

A noção de liderança também apareceu de maneira “negativa” na forma de não reconhecimento da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e alguns partidos que compuseram a mesa de negociação dos pontos exigidos pelas escolas e no processo de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desocupação. As duas principais queixas de muitos grupos se deu pela falta de diálogo sobre a construção das pautas e também de que muitos dos que estavam à frente “não representavam” os estudantes, especialmente por não participarem do cotidiano das ocupações, gerando um “racha” no processo de deliberação sobre ações a executar. Devido a isso os (as) estudantes formaram uma organização autônoma que não reconhecia UBES e a legitimidade de algumas organizações, em especial o Partido Pátria Livre (PPL), que segundo relato “mandava” na União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre (UMESPA), a União da Juventude Socialista (UJS) e o Movimento Esquerda Socialista (MES), conforme segue em relato:

O CEI é o comitê das escolas independentes. O que acontece? Com as reuniões das escolas de todas as escolas né que tinha, tanto as que tavam ocupadas pela UBES, UJS, MES, tanto as que estavam ocupadas por essas organizações quanto as que não estavam ocupadas por essas organizações, a gente fazia assembleias, né. Pra decidir, pra deliberar o rumo do movimento. [...] Assembleias gerais bem conturbadas. [...] E dentro dessas assembleias iam essas organizações e não sei o quê. Iam um monte de universitários e dentro, se a gente pegasse todas pessoas que iam nas assembleias, menos da metade eram secundaristas que tavam ocupando as escolas, sabe? Que conheciam, que viviam aquilo. E o resto era universitário que tava querendo opinar no movimento, era organização que tava querendo opinar no movimento. E tava querendo puxar a corda pro seu assado, entendeu? Não era uma coisa, ai, como sou bonzinho com vocês. Tinha um objetivo. Qualquer posicionamento, qualquer fala que eles tinham, tinha um posicionamento. Tinha um porquê deles falarem aquilo. Então a gente percebeu que eles tavam roubando a nossa voz. Roubando nosso protagonismo como estudante. E aí o CEI fez um racha. Se juntou as escolas que não estavam de acordo com aquilo, que não tavam de acordo com o rumo que tavam tomando as assembleias gerais, que não tava de acordo com a presença de universitário opinando pelo movimento (Informante, 2017).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Mesmo estranhamento ocorreu em alguns grupos estudantis do interior do estado, principalmente pela compreensão de que não estavam sendo incluídos no processo decisório, mas apenas na escolha de representação sem que isto signifique participação de fato nas negociações e decisões sobre a coletividade das escolas ocupadas no estado, como lê-se abaixo:

E aí chegou um dia em Porto Alegre, eu tenho que falar isso bem ressaltado, chegou em Porto Alegre e a gente recebeu uma notícia que a UBES pegou e assinou um acordo que a gente fecharia as ocupações até um certo dia, senão o colégio ia pagar 10 mil reais por dias que permitisse que a gente ficasse lá, e foi muito ridículo porque quem é a UBES? Tipo, até eu perguntei pra um cara da UBES, porque assinaram ai falaram: ‘ah porque é um movimento que acerta em greves, que retrocedeu não sei o quê’ só que a votação não foi unânime, tá ligado? Eles dizem que eles... que eles pegam e chamam alunos pra votar no presidente da UBES, que agora é uma presidente só que eu nunca vi, ninguém nunca viu, eles pegam um aluno de cada escola, tipo eles vem aqui pegam um aluno [escola A] e levam pra lá pra votar, os cara levam os cara pra votar neles porque se eu vou viajar com alguém, tipo o cara tá me levando pra viajar, eu vou votar nele, não conheço mais ninguém entendeu? Tipo na minha cabeça, na minha opinião eu acho que isso é tipo muito ridículo, é tipo fazer... é fazer a cabeça dos alunos, a gente... eu não votei neles, a maioria da minha escola não votou neles, entendeu? (Grupo de discussão Escola M, 2016)

Percebemos a diferença na percepção sobre a liderança de acordo com a noção de comprometimento com base na participação e inclusão do conjunto no processo decisório. Se percebem que há uma ou duas pessoas que realizam mais tarefas, se envolvem mais, tem mais “conhecimento”, significando o entendimento de quem é a rede social que articula a ocupação, e, em síntese, organiza o conjunto de atividades, ou como dizem, “tomam a frente”, são vistas como lideranças, não os eximindo da responsabilidade sobre o compartilhamento de como se deu o processo decisório. Por outro lado, entre os (as) respondentes que tomam para si estas tarefas, mesmo que dividindo papéis, mas se compreendem como igualmente comprometidos, a designação



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de liderança desaparece. Nestes casos o protagonismo da realização das atividades que são compreendidas como indispensáveis para manutenção da ocupação por parte de um grupo continua a existir sem, no entanto, a identificação formal deste papel.

Assim, observamos que um dos possíveis determinantes da consolidação de liderança ou não nas ocupações é o desenvolvimento da noção de *comprometimento*, que, conforme Becker (1960): “[...] os compromissos não são necessariamente feitos conscientemente e deliberadamente. Alguns compromissos resultam de decisões conscientes, mas outros surgem progressivamente. O sujeito se torna consciente de que está comprometido apenas em algum momento de mudança e parece estar comprometido sem perceber” (Becker, 1960, p. 38. tradução nossa).

São tais valores e a sua defesa, que em certos casos, como esse, que determinam o nível de comprometimento. Estes apresentam-se, via de regra, pela expressão de determinado diagnóstico e prognóstico político do momento e em especial pela noção da importância do coletivo. De acordo com Tomizaki, Carvalho-Silva e Silva (2016) a passagem de uma perspectiva individualista à uma perspectiva coletiva já pode ser considerada um importante fator de politização na formação de indivíduos e grupos que, em diferentes níveis de compreensão e comprometimento, estão interessados pela política a partir de disposições para a luta coletiva na defesa de direitos também coletivos.

IV. Considerações finais

Além dos aspectos conjunturais mais amplos, no que tange o processo formação e socialização política dos (as) estudantes na construção das suas reivindicações nas escolas ocupadas, mesmo que de forma preliminar, percebemos que o processo político de construção das ocupações possibilitaram aos estudantes questionar e reelaborar um saber prático e político em relação às formas consolidadas ou consideradas tradicionais de representação ou liderança política.

Desta forma, há casos de personificação em um ou mais sujeitos(as) do papel de mobilização que auxilia na continuidade da ocupação, ao passo que a construção de “todos são liderança” também serve como alternativa para mobilização destes estudantes. Compreende-se que



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

há num caso a junção de representação e mobilização, sendo substituída no segundo caso pela autorrepresentação. Cabe a noção de constituição de capital militante (Matonti e Poupeau, 2006) ser, no primeiro caso, escasso e assim gera capital político, expresso em representação que é legitimada quando informa ao grupo os processos práticos. Já em outra situação o capital militante é difundido no grupo e a representação torna-se desnecessária em pequena escala, pois nestes casos grande parte dos estudantes realizam as tarefas e fazem parte diretamente dos processos decisórios e práticos cotidianos.

Por fim, percebemos que ainda é significativa a distinção entre interior do estado e capital como forma de relacionar distância não somente geográfica, mas representativa do centro de decisões sobre os rumos da ocupação, os quais foram ao final deliberados pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), entidade que negociou com o governo do RS o final das ocupações e ao não incluir muitos estudantes no processo decisório foi compreendida por estes como liderança ilegítima, empregando os valores que adotaram para decidir quem são de fatos os estudantes que realizaram as ocupações.

V. Bibliografia

Baquero, Marcello; Baquero, Rute V. A.; Moraes, Jennifer A. de. (2016). Socialização Política e internet na construção de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 37, n° 137, pp. 989-1008, out-dez.

Becker, Howard S. (1960). Notes on the concept of Commitment. *American Journal of Sociology*, vol. 66, n° 1, pp. 32-40.

Bourdieu, Pierre. (2004). *O Poder Simbólico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Castro, Lucia Rabello de. (2009). Juventude e Socialização Política: atualizando o debate. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, out-dez, Vol. 25. n. 4, pp. 479-487.

Dubar, Claude. (2005). *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.

Fuks, Mario. (2011). Efeitos diretos, indiretos e tardios: trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. *Lua Nova*, São Paulo, pp.145-178.

McAdam, Doug; Tarrow, Sidney e Tilly, Charles. (2001). *Dynamics of Contention*. New York, Cambridge University Press.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Matonti, Frédérique e Poupeau, Frank. (2006). O Capital Militante: uma tentativa de definição. *Revista Plural*. São Paulo, nº 13, pp.127-134.

Michels, Robert. (1982). *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília, UNB.

Outwhite, William et al. (1996). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Owen, Diana. (2008). Political socialization in the Twenty-first century: recommendations for researchers. IN: *Center for civic education and the Bundeszentrale für Politische Bildung*. The future of civic education in the 21st Century. James Madison's Montpelier.

Palacios-Valladares, Indira. (2016). Protest communities and activist enthusiasm: student occupations in contemporary Argentina, Chile and Uruguay. *Interface: a journal for and about social movements*. volume 8 (2): pp. 150-170.

Percheron, Annick e Dupoirier, Élisabeth. (1975). Choix idéologiques, attitudes politiques des pré-adolescents et contexte politique. *Revue française de science politique*. 25^e année, nº5, pp. 870-900.

Prewitt, Kennet. (1965). Political socialization and Leadership Selection. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*.

Sawicki, Frédéric e Siméant, Johanna. (2011). Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, nº 28, pp. 200-255.

Seidl, Ernesto. (2009). Disposição a militar e a lógica de investimentos militantes. *Pro-Posições*. Campinas, v. 20, n. 2(59), pp. 21-39.

Tilly, Charles. (1978) *From Mobilization to Revolution*. Prentice-Hall: Englewood Cliffs.

Tomizaki, Kimi; Carvalho-Silva, Hamilton H. de; Silva, Maria G. V. (2016). Socialização Política e politização entre famílias do movimento dos trabalhadores sem teto. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 37, nº 137, p. 989-1008.